

## Onde está a Teologia Latino-Americana ?

Não faz muito tempo o professor Moltmann enviou ao prof. dr. José Miguez Bonino, de Buenos Aires, uma carta aberta, conhecida de todos, em que levantava severas críticas ao que lhe parecia ser a teologia latino-americana. A carta do teólogo e professor alemão suscitou inúmeras reações em nosso continente. Entre essas, a mais recente é a do professor dr. Hermann Brandt, da Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em São Leopoldo, RS.

Embora tenha o prof. Brandt preparado o seu artigo para uma revista alemã, enviou tradução do mesmo para o boletim de ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos), de onde estamos transcrevendo. Eis, a seguir, o texto do artigo do professor de São Leopoldo.

Em uma carta aberta a José Miguez Bonino, Jürgen Moltmann lamentou recentemente a falta de autonomia da teologia latino-americana. Quase nada de "realmente novo" viria da América Latina. Por outro lado, Moltmann faz uma restrição: "Presumivelmente nós europeus temos falsas expectativas. Teólogos latino-americanos só se tornam interessantes na Europa e nos Estados Unidos quando oferecem algo de novo".

Como se deve entender e julgar essas duas afirmações em sua tensão mútua? Quanto a isso, eu gostaria de fazer as seguintes observações, a partir de minha perspectiva, admitidamente limitada, como "trabalhador estrangeiro" há seis anos no Brasil.

Como expressão específica de teologia latino-americana, são reconhecidas na Alemanha forçosamente (?) as produções deste continente disponíveis em alemão ou inglês. Traduz-se aquilo que vende. Mas, pelo visto, só vende aquilo

que provém de um autor já renomado e/ou aquilo que possa encontrar ressonância no "primeiro" mundo por apresentar uma consciência de problemas correspondente à teologia alemã e, portanto, um nível "acadêmico". Ambas as afirmações valem para a literatura abordada por Moltmann como "latino-americana". Trata-se de obras de autores famosos, muito familiarizados com a teologia européia e norte-americana. São livros que recompensam os altos custos da tradução e que podem ser comercializados. Sobre esses livros — reduzidos em número — e sobre seus autores (Gutierrez, Segundo, Alves e alguns outros) fixa-se o interesse alemão. São basicamente os mesmos poucos teólogos trazidos para encontros ecumênicos como "os" representantes da teologia latino-americana. O que nem chega a ser cogitado nessa perspectiva estreita são dois tipos de produção teológica. A qualificação de literatura latino-americana "au-

têntica" lhes é negada, em parte por desconhecimento de causa, em parte por causa de preconceitos, ou, usando uma expressão mais branda, por falta de fantasia.

## I

Começemos pelo último tipo. O que se publica no Brasil, por exemplo, em matéria de literatura teológica, são, em grande parte, traduções. A Teologia do AT de van Rad foi publicada pela Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE). A Antropologia do AT de Wolff e a Teologia do NT de Goppelt saíram em co-edição luterano-católica; "Jesus de Nazaré, de Bornkamm, na maior editora católica do país. Denunciar essa atividade extremamente intensiva de tradução — sobretudo no âmbito exegético — como imperialismo teológico alienante seria uma simplificação demasiada. Perderíamos com isso de vista o fato, evidente na América Latina, de que aqui a Bíblia está sendo descoberta! A redescoberta, ou melhor, a primeira descoberta, por parte do povo, da mensagem bíblica desobstruída é, em todo o caso, uma característica que salta aos olhos, e a literatura exegética traduzida, da Europa e dos Estados Unidos, muitas vezes de proveniência protestante, desempenha a importante função de livrar a palavra bíblica de sua couraça dogmática.

Quem, no entanto, está disposto, na Alemanha e na Europa, a reconhecer traduções, em sua função específica neste contexto, como um aspecto "novo" da teologia latino-americana? Isso diz respeito inclusive à política financeira da igreja! Por exemplo: em Genebra é rejeitado um pedido de subsídios para a impressão de uma Introdução ao AT, embora ela tenha surgido de preleções dadas no Brasil. O motivo alegado: ela seria "acadêmica" demais, "alemã" demais. Entrementes, foi necessário publicar uma segunda edição desse livro, que foi introduzido em muitas instituições de

formação teológica no Brasil. Este, provavelmente, não é um exemplo isolado. Pensa-se saber, de fora e de cima, que teologia é adequada para um contexto subdesenvolvido e, de acordo com isso, distribui-se as finanças. Muitas vezes nem se chega a cogitar que, para um determinado contexto, também uma tradução ou uma obra teológica "tradicional" deveria ser fomentada. Desconhece-se a fome por uma exegese sólida ou a considera inautêntica. Assim se pratica manipulação através de pressão econômica.

Tais preconceitos, porém, impedem que se veja a importante função cumprida por esse amplo setor de traduções na situação latino-americana. Pelo visto, nem mesmo se reflete sobre a pergunta, com base em que condições do contexto latino-americano se parte para a tradução de literatura exegética tradicional ou de dogmáticos "clássicos". (De resto, as editoras latino-americanas são obrigadas a pagar altos preços pelos direitos de tradução, se bem que haja louváveis exceções.)

## II

Sem, no entanto, contar as traduções, existem, indubitavelmente, coisas "novas" e próprias no cenário teológico deste continente. No entanto, elas são menos perceptíveis de fora nas obras, acessíveis a leitores europeus, dos autores mencionados por Moltmann. Também não tanto nas palavras de conferências episcopais ou manifestos semelhantes, que, na maior parte das vezes, pelo menos ainda chegam até os diversos serviços de informação europeus. As coisas realmente novas e próprias, porém, são representadas por toda uma corrente de literatura que é absorvida aqui. Por isso e, naturalmente, por causa da barreira linguística, esse tipo de literatura deve ser praticamente desconhecido fora do continente. Aquilo a que nos referimos aqui poderia ser qualificado de "literatura teológica menor" (Kleinliteratur), num sentido formal e em termos de conteúdo. Quanto ao as-

pecto formal, trata-se de pequenos cadernos, escritos à máquina sobre matrizes, mimeografados em papel barato, encadernados com grampos, muitas vezes ilustrados com desenhos desprezíveis. Sem impressão apurada, sem editora, sem sistema comercial — muito menos internacional — de vendas, mas literatura para as necessidades próprias, vendida ao preço de custo ou distribuída gratuitamente. Muitos boletins de comunidade na Alemanha têm uma apresentação exterior mais respeitável. Mais importante é o conteúdo. Nesses pequenos escritos refletem-se não apenas, em afluente concretização, as perguntas, o sofrimento, a impotência, a criatividade e a capacidade de julgamento, impositiva em sua simplicidade justamente das camadas mais pobres do povo. Esse gênero de literatura teológica é um exemplo autêntico de como a mensagem do Evangelho é percebida, age e orienta para a ação nesta realidade. Nesses “autores”, que quase sempre permanecem anônimos, agem carismas que dificilmente podem ser percebidos pela literatura publicável na Alemanha.

Esses escritos é que deveriam ser lidos se se quer descobrir, da produção teológica da América Latina, “algo sobre a luta, sobre a história da vida e do sofrimento do povo latino-americano”. Quem conhecesse esses escritos não se veria obrigado a explicar, em atitude professoral, frente a teólogos latino-americanos: esperança como fidelidade à ressurreição e como perseverança sob a cruz “aprende-se (!) no povo na comunhão dos pobres, sofrendores e famintos por Justiça”.

Justamente esse processo de aprendizagem é testemunhado, com uma plasticidade insuperável, pela “literatura menor” mencionada. Em sua discrição, anonimidade e orientação para os mais pobres ela é um sinal de uma teologia crucial latino-americana. Com ela não se pode obter frutos acadêmicos, nem sucesso editorial, dificilmente também prestígio ecumênico. Ela é, isto sim, sinal de que é auxílio para que o povo latino-ame-

ricano, pela primeira vez em sua história, comece a descobrir para si a palavra da Bíblia.

Um dos carismáticos dessa literatura desprezível, Frei Carlos Mesters, disse recentemente, fazendo referência a Francisco de Assis e aos acontecimentos do século XVI (!): Uma irrupção realmente nova houve sempre que o povo começou a descobrir para si a mensagem bíblica. Justamente isso estaria acontecendo atualmente no Brasil e justamente isso seria o elemento novo, antes não existente, na situação teológica atual.

Tendo em vista essas duas formas atuais de literatura teológica na América Latina, resulta, assim, um dilema, se se quiser julgar a situação a partir da Europa: a função das traduções, sobretudo de literatura exegética, não é vista. Desta maneira, a perspectiva bíblica universal e comum, representada por essa literatura, é negada de fato como elemento da situação teológica latino-americana. E, por outro lado, na Europa não se pode, já por razões linguísticas, tomar um real conhecimento da teologia elementar e contextual realmente autóctone. Restam, então, para a ótica européia, apenas aqueles poucos autores traduzidos, aos quais Moltmann e outros se referem. Naturalmente não se pode exigir de todo teólogo alemão os pressupostos linguísticos para a leitura desses testemunhos genuinamente latino-americanos. O que talvez se possa exigir é que se evite a conclusão enganosa de identificar os escritos de teólogos latino-americanos acessíveis em alemão ou inglês com a teologia praticada neste continente.

### III

Com isto eu chego a um último ponto. Com a referência a esses dois tipos de produção teológica, o fator decisivo ainda nem foi expresso, embora já estivesse implicitamente contido na parte anterior: a teologia latino-americana tornou-se uma teologia *vivida*, não no sentido de uma “existência teológica” auto-

suficiente, mas vivida com a "vivência" do Evangelho. Vivência assinala esvaziamento da teologia para os de fora, teologia vivida com aqueles cuja vida esta ameaçada. "Vivência" é uma palavra de difícil tradução. Nela estão concentrados a vida real e intensamente vivida, o elemento pessoal ("existencial") bem como o comunitário, a experiência e a práxis. Teologia vivida é, por isso, teologia **encarnada**, encarnada nas condições de vida, emoções e formas de pensamento, no 'ethos' e nos temores das massas empobrecidas e miseráveis. Onde a teologia é vivida dessa maneira, ela muitas vezes não produz escritos. Ela tem que ser assim, num continente com cifras ainda assustadoramente altas de analfabetismo. Onde é vivida junto com os "mais pequeninos", ela tem que se esvaziar de sua forma escrita e literária: a "letra" teológica "mataria" (II Co. 3,6). Essa teologia vivida pode ser mais facilmente reconhecida na "literatura menor" mencionada.

Penso que tudo isso não é motivo para um interesse exótico, mas para um sério questionamento próprio da teologia alemã. Exatamente a partir desses testemunhos elementares de teologia latino-americana, desses reflexos ainda tão evidentes de teologia vivida, preocupa-me a seguinte pergunta, quando olho para a Europa e vejo as produções teológicas que me chegam da Alemanha: onde, na Alemanha, estão os teólogos qualificados, científicos e críticos que se dignam a fazer teologia para o "povo", uma teologia popular no melhor sentido da palavra?

Justamente a partir de uma perspectiva latino-americana, a teologia feita na Alemanha parece ser, em grande parte, uma atividade praticada por "insiders" que nem mesmo querem "sair" ou "descer" de onde estão. As tentações para uma teologia introvertida são grandes: o teólogo profissional alemão tem tempo e dinheiro para escrever livros, tem à sua disposição assistentes e imensas bibliotecas. Os autores daquela "literatura menor" não têm nada disso. Eles não têm tempo para se projetar teologicamente.

Permanecem anônimos sob o povo para o qual e com o qual trabalham. Diferentemente do que na Alemanha, a teologia latino-americana cresce sob condições inimaginavelmente precárias. Se — com o engajamento também de teólogos europeus (e nos EUA!) em seus próprios países e povos essas condições não mais diferirem tão gritantemente, então talvez chegasse a hora de uma teologia ecumênica "sincrônica". Até então, aqui na América Latina todas as potências teológicas serão necessárias para viver o Evangelho no povo e para praticar uma teologia vivida.

Onde na Alemanha — e com isto eu volto ao meu questionamento — se faz teologia (científica!) realmente para o povo? Onde é que o povo simples se faz presente com suas perguntas e paixões? Onde é que a teologia "desce" para dentro da realidade compacta, aflitiva, "carنال", de tal maneira que não só o teólogo profissional, mas também o "leigo" volte a reconhecer a si mesmo na teologia? Onde se percebe na teologia alemã a coragem para o auto-esvaziamento, onde a desistência das insígnias do renome acadêmico, onde a prática da máxima apostólica: Condescendei com o que é humilde?

É importante observar que de modo nenhum quero defender a banalização ou simplificação de conteúdo da teologia. Pergunto, isto sim, a partir dos testemunhos da atual teologia latino-americana, tão modestos em comparação com a produção teológica alemã, porém tão animadores: a teologia na Alemanha chega a pôr os pés na terra assim como aqui na América Latina? Existe na teologia alemã, realmente um interesse de fazer seu rico potencial científico-hermenêutico reverter em favor do povo alemão? Do operário? Do pequeno-burguês? Este seria, pois, o questionamento: Ocorre na Alemanha o que acontece na América Latina, ou seja, o rico potencial teológico realmente beneficia as pessoas através de uma teologia "evangélica" vivida em solidariedade com os sofrimentos das pessoas?

**PELA JUSTIÇA  
E LIBERTAÇÃO**

Com a responsabilidade que lhe confere o cargo de Secretário Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), D. Ivo Lorscheiter informava à imprensa, no dia 30 de julho último, ter recebido “de fontes fidedignas de Brasília e de Goiás um alerta de que seria iminente a expulsão de **D. Pedro Casaldáliga** do Brasil”. D. Pedro, como se sabe, é espanhol.

Na semana anterior, em 22 de julho, deixava o Brasil o missionário menonita em Recife, **Thomas Capuano**, norte-americano, preso dias antes com o **Pe. Lawrence Rosenbaugh**, norte-americano também. Os dois exerciam sua ação pastoral junto aos mendigos da cidade. Solto quatro dias depois, o missionário foi obrigado a sair do país porquanto o Governo brasileiro negara a renovação do seu visto de permanência.

No começo desse mesmo mês de julho, o Ministro da Justiça determinara a instauração de inquérito, pela Superintendência da Polícia Federal de Pernambuco, para efeito de expulsão do **Pe. Romano Zufferey**, suíço, trabalhador no Nordeste há mais de dez anos como assistente eclesiástico da Ação Católica Operária (ACO).

Na verdade, esses três casos de expulsão ou de ameaça de expulsão não são os primeiros que atingem as Igrejas desde 1964. Eles fazem parte de uma série que inclui, entre estrangeiros e brasileiros (estes, banidos ou exilados), os seguintes:

Já em abril de 1964, o **Pe. Francisco Lage**, antigo pároco na Igreja da Floresta em Belo Horizonte (MG), conhecido por sua atuação junto ao movimento sindical, foi preso, indiciado e processado. Condenado a 28 anos de prisão, asilou-se na embaixada do México, de onde seguiu para o exílio nesse país.

No ano de 1966, era expulso do país o pastor norte-americano **Brady Tyson**, acusado de ter pronunciado uma conferência em Ribeirão Preto (SP), na qual criticava o Governo brasileiro.

No dia 5 de novembro de 1967, o Exército prendeu em Volta Redonda (RJ), o diácono francês **Guy Thibault**, acusado da distribuição de panfletos que falavam da situação operária e analisavam a política salarial do Governo. Sua expulsão foi decretada no dia 7 de dezembro.

No dia 27 de agosto de 1968, consumou-se a expulsão do **Pe. Pierre Wauthier**, francês, preso desde 18 de julho, durante a realização da "greve de Osasco" (SP).

O **Pe. Jan Honoré Talpe**, belga, foi preso no começo do ano de 1969, acusado de subversão em fábricas de Osasco (SP). Depois de seis meses de prisão, foi expulso, em 8 de agosto de 1969.

Acusada de ter dado proteção a elementos subversivos, em Ribeirão Preto (SP), a **Irmã Maurina Borges** foi presa em 1970 e banida para o México.

**Frei Tito de Alencar Lima**, dominicano, preso em São Paulo desde novembro de 1969, acusado de subversão, foi banido para o Chile em 3 de abril de 1971.

Neste mesmo ano de 1971, o **Pe. José Pedandola**, italiano, que exercia sua ação pastoral entre os pobres da diocese de Crateús (CE), foi preso pela Polícia Federal e expulso do país.

O **Pe. José Comblin**, belga, professor no Instituto Teológico do Recife (PE), conhecido por sua pregação em favor dos oprimidos, ao regressar da Europa, em 24 de março de 1972, foi impedido pela Polícia Federal de desembarcar no Brasil e mandado de volta.

Em 1975 foi a vez do **Pe. Francisco Jentel**, francês, que, em Santa Terezinha, nos confins de Mato Grosso, Goiás e Pará, vinha trabalhando a favor de posseiros da região. Foi preso e condenado mas, no ano seguinte, absolvido. Viajou, então, para a Europa. De volta ao Brasil, com o passaporte em regra, seguiu para Fortaleza (CE). Mesmo sob a proteção do Presidente da CNBB, D. Aloísio Lorscheider, Jentel foi preso, sendo expulso em 15 de dezembro de 1975.

Pároco de Vila Rondon (PA), o **Pe. Giuseppe Fontanella**, italiano, foi acusado de estimular posseiros a invadir terras particulares. Foi chamado a prestar depoimento no Quartel General da 8ª Região Militar, em Belém (PA), e, em 8 de dezembro de 1976, saía publicado o decreto de sua expulsão.

Tratar-se-ia, nessa série de expulsões e banimentos, de fatos desconexos, cada um deles fruto de circunstâncias específicas? Ao contrário, verifica-se uma coerência nessa ação repressiva. Ela tem o mesmo sentido de outras violências praticadas contra brasileiros e estrangeiros, independentemente da confissão religiosa, cuja ação seja considerada inconveniente pelo Governo ou por grupos dominantes.

Entre muitos brasileiros processados, presos, torturados, condenados e até assassinados, lembrem-se apenas alguns casos mais recentes de perseguição contra religiosos, ocorridos desde julho do ano passado. O assassinato do **Pe. João Bosco Burnier** ocorreu quando, com D. Pedro Casaldáliga, protestava contra as torturas que estavam sendo infligidas a duas mulheres inocentes pela polícia de Ribeirão Bonito (MT). No momento, continua indiciado **D. Estêvão Cardoso Avelar**, Bispo de Conceição do Araguaia, no sul do Pará, tendo sido interrogado durante horas a fio, acusado de subverter o povo da região.

Também se inscrevem nesse quadro os atos de violência, estimulados pela ação repressiva e por campanhas de calúnias e insinuações partidas de autoridades, contra os que se empenham na luta pela justiça. Dois casos mais recentes, igualmente ocorridos com religiosos, depois de julho de 1976, podem ser citados como exemplos. O assassinato do **Pe. Rodolfo Lukenbein**, alemão, missionário entre os índios, ocorreu quando cuidava da demarcação das terras dos mesmos. **D. Adriano Hipólito**, Bispo de Nova Iguaçu (RJ), sofreu uma bárbara e misteriosa agressão e, em seguida, seu carro foi destruído por uma bomba diante da sede da CNBB, no Rio de Janeiro (RJ). Nesse último caso tornou-se estranha a rapidez com que o inquérito foi arquivado sem elucidação, especialmente quando se considera o costumeiro empenho de reprimir os atos de oposição.

## Identificação com os oprimidos

O que fizeram esses e outros cristãos para serem perseguidos?

**Eles foram presos, expulsos, banidos, torturados e mortos justamente porque lutavam ao lado dos pobres, dos humildes, dos pequenos, dos oprimidos. Sua dedicação desinteressada revela amor pelos oprimidos e denúncia, ao mesmo tempo, diversas formas de opressão. Sua atuação exemplar — ao lado dos índios, de apoio aos pequenos agricultores e posseiros, junto aos operários e marginalizados — desvenda algumas das injustiças instituídas na sociedade brasileira.**

Pela ação e pelas palavras de missionários, fica claro que o extermínio de índios encontra suas raízes na ganância de fazendeiros e de grandes empresas que querem se apropriar da terra que ainda resta às populações nativas. Diversos métodos servem aos propósitos dos exploradores: estradas penetram reservas indígenas e recorram suas propriedades; a violência chega ao morticínio de índios e de seus defensores; a política de “integração” arrasta fatalmente o índio a se tornar mão-de-obra duramente explorada nos seringais e nas fazendas. Não apenas a sobrevivência das pessoas é ameaçada, mas



todo um povo é massacrado ao lhe roubarem a posse da terra, privando-o das condições necessárias para cultivar seus valores e conservar sua própria identidade.

A dedicada ação de religiosos católicos, pastores protestantes e leigos — lado a lado com pequenos agricultores, posseiros e assalariados rurais — revela a trágica situação de miséria de grande parte da população que trabalha no campo. Suas terras, suas casas, suas plantações são arrasadas pelo crescimento selvagem do latifúndio e das grandes empresas agrícolas. Suas condições de vida e de trabalho tornam-se mais duras. Numa trágica contradição, enquanto os favores econômicos governamentais multiplicam as cabeças de gado e ampliam as plantações, o pequeno lavrador vê minguar a alimentação de sua família.

A atuação desses religiosos também se faz sentir entre os operários, que estão no núcleo da produção da riqueza brasileira. Eles foram atraídos às cidades para preencher os empregos da moderna indústria que se instalou em nosso país. Vindos do campo ou descendentes de famílias operárias que já estavam nas cidades, eles cresceram em número. Viram e vêem todos os dias a produção das fábricas em que trabalham crescer em volume e qualidade. Viram e vêem todos os dias seus patrões se enriquecerem de uma forma insultante. Viram e vêem seus salários diminuírem pelo arrocho salarial imposto pelo Governo e pelo constante aumento do custo de vida. Viram e vêem a necessidade de empregar seus filhos menores, prejudicando seu desenvolvimento normal e sua formação escolar. Viram e vêem seus sindicatos mutilados, sujeitos à intervenção constante do Governo, impedidos de desenvolver livremente suas tarefas fundamentais de representação e de defesa da classe trabalhadora. O resultado de tudo isso é o operário cada vez mais sacrificado, com fome e sem resistência às doenças.

A ação desses cristãos também revela a opressão da vida de milhões de brasileiros marginalizados da vida econômica, da vida social e da vida política do país. Chegando às cidades em busca da miragem industrial ou expulsos do campo, eles são os marginalizados urbanos e os bóias-frias. A ironia consiste em dizer que há pessoas marginalizadas, sem emprego certo e remuneração adequada, porque a população cresce demais. A verdade é que, para que se dê a concentração da riqueza nas mãos de poucos, não basta rebaixar os salários. É preciso, além disso, manter uma imensa parcela de população que, quando se emprega, se emprega por qualquer preço; e, quando não consegue emprego, constitui a reserva de que se valem os patrões para fazer com que os próprios trabalhadores disputem entre si pela possibilidade de um trabalho. Existe, assim, uma enorme parte da população das grandes cidades que jamais se empregará ou, quando o fizer, será parcialmente, como biscateiros, vendedores am-

bulantes, guardadores de carros, sem qualquer garantia. E os operários rurais, que se concentram nas pequenas e médias cidades, mal-dosamente apelidados de bóias-frias, são vítimas da intermediação do “gato”, que os contrata como animais de trabalho para os grandes fazendeiros e empresas rurais. Sujeitos à procura diária de emprego, os bóias-frias não contam com a garantia do salário mínimo, nem têm a proteção — ainda que precária — das leis trabalhistas, ficando desassistidos e roubados nos seus direitos de assistência médica e previdenciária. Juntam-se a essas categorias as mulheres, que são duplamente exploradas: ganham salários menores, quando fazem o mesmo tipo de trabalho que os homens, e arcam, ainda, com as pesadas tarefas do lar. Há também aqueles que, atingindo certo limite de idade, são precocemente desempregados porque seus patrões sabem que um imenso exército de jovens está em busca de emprego e que os jovens produzirão mais por menores salários. A multidão dos marginalizados nas grandes, médias e pequenas cidades cresce à medida que cresce a riqueza produzida no país.

### As exigências do Evangelho

A identificação desses religiosos com os oprimidos foi determinada por sua aceitação das exigências do Evangelho.

Eles sofrem perseguição porque compartilham da luta dos oprimidos contra a injustiça. Compartilham, também, de sua grande esperança de libertação. Eles, testemunhas fiéis, e nós, solidários com eles, compreendemos que a perseguição recai sobre a Igreja empenhada na transformação do mundo, dedicada a transmitir a Boa Nova da libertação onde exista a exploração dos homens de carne e osso, na realidade de agora. Sabemos também que a Igreja não sofre perseguição quando se acomoda às injustiças, atuando somente na esfera tranqüila da sacristia e voltando-se para uma espiritualidade abstrata, desligada dos problemas atuais.

É a busca evangélica da justiça que — na perseguição a esses religiosos — está sendo recusada pelo Governo. Busca evangélica fundamentada na Palavra de Deus:

**“Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós” (Mt 5,11). “Antes importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5,29).**

**“Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me. Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos**

irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25, 35, 36, 40). “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cegos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos” (Lc 4, 18). “Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram vossos campos, e que por vós foi retido com fraude, está clamando” (Tg 5, 4). “Porventura não é esta a prática religiosa que escolhi, que rompas as correntes da iniquidade, desfaças as amarras da servidão, libertes os oprimidos e despedaces todo jugo?” (Is 58, 6). “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso” (1 Jo 4,20). “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?” (Miq 6, 8).

### A aspiração democrática do povo

Por comungar com as aspirações do povo é que os missionários são perseguidos. Eles sofrem a mesma sina de muitos, brasileiros ou não — operários, estudantes, jornalistas, educadores, políticos e outros — que foram banidos do país ou constrangidos a fugir por terem ousado juntar-se ao povo em sua luta contra a exploração e a opressão.

Se alguns missionários estão ameaçados de expulsão e se muitos já foram expulsos, o grande e verdadeiro expulso, já há muito tempo, é o próprio povo, especialmente os mais humildes, banidos de suas terras ou massacrados em suas aldeias, obrigados a esmolar ou sujeitos a salários de fome, morrendo à míngua nas periferias das cidades, constantemente expostos à repressão policial ou à violência dos patrões, proibidos de se associarem, ameaçados e intimidados quando ousam reivindicar os mais elementares direitos.

Não basta exigir que o Governo ponha fim às arbitrariedades contra os missionários. As arbitrariedades continuarão, se continuarem as estruturas de injustiça que as provocam. E essas estruturas só serão modificadas quando o próprio povo puder propor e encaminhar as mudanças a seu favor. É indispensável, portanto, realizar a aspiração democrática da nação, de modo que o povo possa criar e participar livremente de suas organizações, sindicais, profissionais, políticas e outras. Será possível, então, construir uma sociedade baseada no respeito aos direitos de todos e iniciar a caminhada rumo à comunhão e à paz entre os homens. Nosso compromisso é o mesmo dos missionários perseguidos — o de continuarmos com o povo nessa árdua e longa caminhada.

São Paulo (SP), 18 de setembro de 1977

## **MOVIMENTO JUSTIÇA E LIBERTAÇÃO:**

- Comissão Pontifícia Justiça e Paz (SP)
- Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE)
- Comissão Arquidiocesana dos Direitos Humanos e dos Marginalizados
- Comissão de Ecumenismo da Arquidiocese de São Paulo
- Comissão Arquidiocesana da Pastoral da Periferia
- Comissão Arquidiocesana da Pastoral do Mundo do Trabalho
- Ação Católica Operária (ACO)
- Renovação Cristã de São Paulo
- Frente Nacional do Trabalho (FNT)
- Comissão de Mães em Defesa dos Direitos Humanos
- Movimento Feminino pela Anistia
- Secretariado Justiça e Não-Violência
- Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES)
- Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (ASESP)
- Associação dos Professores da PUC (APROPUC)
- Associação dos Professores da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas
- DCE Livre da USP — “Alexandre Vanucchi Leme”
- Diretório Central dos Estudantes da PUC
- Centro Acadêmico da Fundação Getúlio Vargas
- Comissão Arquidiocesana de Pastoral das Comunidades Eclesiais de Base